A EDUCAÇÃO ATRAVÉS DAS IMAGENS E DOS FATOS

Antonio Ilário Felici¹

RESUMO

A educação tem ocorrido em grande parte dentro de um modelo bastante intelectualizado através da comunicação de idéias. No entanto, em nossos dias ganharam muito espaço a imagem e a narração dos fatos, de tal modo que se chegou a caracterizar a nossa era de “civilização da imagem”. Os meios de comunicação são testemunha disso. Esse fenômeno tem um grande impacto na psicologia e conseqüentemente na educação. Sendo assim, não se pode ignorar a importância de tal fator, mas aproveitá-lo, sendo que essa a tendência do processo educativo. Daí o significado de uma educação através das imagens e dos fatos, tema do presente artigo.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; imagens; fatos; extensão; compreensão

ABSTRACT

Education has taken place largely within a very intellectualized model through the communication of ideas; however, today the image and the narration of the facts have gained much space, a change that has led to the characterisation our age as the, "civilization of the image". The media are witness to this. This phenomenon has a major impact on psychology and, consequently, on education. Therefore, the importance of this factor should not be not ignored, but embraced, and this is the trend of the educational process. Hence the significance of an education through images and facts is the theme of this article.

KEYWORDS: Education; pictures; facts; extension; understanding

1. Introdução

Ninguém poderá negar que o mundo das imagens hoje conquistou um enorme terreno no campo da comunicação, tanto que se chega a afirmar que estamos vivendo na

¹ Doutor em Teologia; mestre em Educação, doutorando em Filosofia (PUC-SP) e professor na Faculdade João Paulo II (FAJOPA). Email: aifelici@hotmail.com

civilização da imagem. Não é mais possível prescindir de uma situação tão marcante que invade o mundo do nosso conhecimento e do nosso saber, como também não se pode acolhê-la de modo passivo e acrítico, abdicando da capacidade de análise e juízo. Esta situação deve ser assumida, mas também depurada.

A presente reflexão, colocando-se numa posição de reserva com um distanciamento crítico, acolhe essa realidade, procurando dela tirar o máximo de proveito pelo correto uso das imagens e dos fatos, em benefício da educação. Ao falar desses recursos, não se pretende que eles devam figurar em primeiro plano, mas colaborar como forças, canais complementares no papel educativo, favorecendo a racionalidade na aquisição e na produção do saber. No entanto, o tema encerra importantes elementos, principalmente quando se tratar de uma educação infantil. Além do mais, envolvem o ser humano de modo mais completo. Sabendo, portanto, da importância desses veículos da comunicação, é possível apropriar-se deles em vista de algo a se construir, tendo em conta seus alcances e onde estão seus limites.

2. Um mundo de imagens e cores

Em cada período histórico, há determinados recursos de comunicação mais capazes de atrair a atenção e revelar o seu poder de influência. Assim, se num passado distante as imagens e os fatos demonstraram esse poder, para depois serem substituídos pelo recurso da fala, agora eles retornam com seu intenso vigor. Ademais, a realidade hoje se apresenta bastante diversificada e multicolorida. Também não se pode compreender que num tempo de pluralismo continue prevalecendo apenas um elemento hegemônico, seja na comunicação como em qualquer outro campo.

Desde que surgiu a fotografia, uma nova possibilidade de comunicação foi inaugurada, cuja complexidade se deu no cinema, depois na televisão e assim por diante. Há uma justificativa para toda essa complexidade e diversidade: o ser humano, além de sua

inteligência e vontade, opera com seus vários sentidos². Ele deve ser contemplado em toda sua estrutura com suas múltiplas dimensões. Pode-se privilegiar uma delas, mas sem a exclusão das demais.

A comunicação, por sua vez, sofre uma mudança revolucionária que não tem mais retorno. Cabe, no entanto, uma pergunta: civilização da imagem, sim; mas qual? As técnicas dessa comunicação estão aí, mas para o interesse de quem? É essa a postura dos críticos da comunicação de massa, como Adorno, por exemplo, que acredita que a televisão tem um papel importante na educação³. Nessa mesma linha, Paulo Freire (1984, p. 14) vê possibilidades de colaboração da televisão no trabalho educativo.

Um olhar mais atento sobre a realidade atual faz notar que as imagens e as cores estão povoando enormemente muitos ambientes. Quem, por exemplo, caminha por certas ruas, principalmente nas grandes e médias cidades, não poderá deixar de perceber os *outdoors* com suas mais variadas figuras e *slogans*, além de cartazes nos muros.

Não podem ser ignoradas também as bancas de jornal e revistas, onde as pessoas param para observar as recentes manchetes e as fotos em seus mais variados tons. As revistas em seu interior estão totalmente recheadas de figuras coloridas, o que também ocorre nas enciclopédias e livros didáticos atuais. O mesmo se diga das livrarias com seus títulos bem ilustrados em suas capas. Se alguém entrar numa locadora poderá sofrer de “congestão visual”, tamanha a quantidade e variedade de tantos filmes com imagens coloridas em seus recipientes. Se ligar a televisão, ficará também absorvido nos tantos canais com os mais variados apelos de cores, sobretudo na TV paga. Ao ligar o computador conectado à Internet, logo notará o colorido das muitas manchetes. Se quiser se divertir,

² O homem não faz uso apenas de um sentido para entrar em contato com a realidade e conhecê-la, como é o caso da audição. Ele serve ora de um, ora de outro, ora de mais de um deles. O ser humano deve ser visto de modo mais completo. Nessa linha, embora com reservas, deve-se prestar atenção à observação feita por McLuhan ao criticar a imprensa escrita por isolar um sentido, a visão no seu aspecto linear, atrofiando os demais sentidos, de modo especial, a audição. Para o autor, deve existir um envolvimento mais completo do homem com seus sentidos e não um sentido só, um envolvimento múltiplo audiovisual. Ecléa Bosí (2000, pp.42-46) oportunamente apresenta algumas críticas à postura do autor. Uma delas se refere ao fato do autor desmerecer a escrita, o livro, e sobrevalorizar o que é veiculado eletronicamente. A posição de McLuhan pode ser aceita não por criticar e desmerecer a palavra escrita, mas por reconhecer que mais sentidos devem entrar na comunicação, ainda que nem sempre isso aconteça. Nem sempre é necessário que todos os registros estejam abertos. Há momentos, por exemplo, em que alguém aprecia a televisão e momentos em que aprecia a leitura.

³³ Ver ADORNO, 1995, p. 77.

poderá trocar continuamente o papel de parede do computador, quantas vezes estiver cansado da imagem da tela.

Os exemplos mostram a riqueza desse panorama, mas oportunamente cabe já uma observação: o volume de imagens e cores chega em demasia para os olhos e para o psiquismo. Ele chega, às vezes, a ser abusivo e insuportável. Nesse sentido, a experiência de quem viajou por muitos países num curto espaço de tempo serve como um exemplo bastante ilustrativo. O grande acervo de paisagens agrestes e urbanas, a visão das cidades na sua arquitetura, nos museus e outros pontos turísticos, todo esse volume de novidades, visto num curto espaço de tempo, faz com que a variedade pareça uniformidade, rotina e superficialidade. Surge o cansaço e até mesmo a irritação e o atrativo das novidades tão variadas perde a sua força diante da enorme quantidade de impressões a serem absorvidas em tão pouco tempo. O prazer se converte em desprazer e aborrecimento, e o indivíduo deseja retornar logo de sua turnê ou então ter tempo de descanso para digerir todas aquelas impressões. O exemplo mostra a necessidade do uso das imagens voltado para fins úteis, evitando-se que caiam na banalidade e percam seu vigor.

3. O poder de atração dos fatos

O homem de hoje chegou a ser caracterizado como um *logóforo* e um *cronólatro*. *Logóforo* porque não é afeito às ideias, à reflexão, à metafísica e *cronólatro* porque idolatra a história em seu momento presente e suas novidades. Os termos podem parecer esdrúxulos e exagerados, não se podendo afirmar pura e simplesmente que as pessoas estejam nutrindo uma rejeição pelo pensamento e pela filosofia. Elas deveriam, na verdade, ser incentivadas a tomar mais gosto por tais coisas. A observação poderia inclusive soar como um lamento nostálgico de um filósofo essencialista. No entanto, a afirmação acima encerra um conteúdo de verdade.

De uma maneira geral, nem todos estão dispostos ao pensamento, pelo menos um pensamento mais exigente na direção da abstração. Isso leva à adoção de uma perspectiva

que não abdica das idéias, mas as traduz por fatos; que está na ordem do dia e pretende deixar sua marca. Daí, pode-se dizer que a afirmação acima tem seu fundamento.

Com relação ao exercício da reflexão, o próprio esforço exigido pela ação de refletir pode já parecer pouco estimulante, desencorajando as pessoas dessa tarefa. Não que o homem escape da necessidade de pensar, sobretudo quando tem que resolver problemas ou tomar alguma decisão. A tarefa, no entanto, é exigente e, muitas vezes, a resolução de uma questão requer o concurso de mais pessoas. Não poucas vezes, um problema não encontra solução imediata. Quando alguém está lidando com uma questão difícil, sente-se fatigado e desejoso de encontrar logo uma solução, livrando-se do infortúnio dessa situação para logo se entregar a coisas mais agradáveis.

Não se entenda isso como um desestímulo à reflexão, mas como uma visão realista de tais dificuldades. Estas já existiriam no passado. O ambiente, porém, era mais favorável: havia menos atrativos que nos dias de hoje e o indivíduo podia entregar-se mais calmamente ao exercício do pensamento. Atualmente os mais diferentes estímulos externos exigem um esforço muito grande para que alguém possa ocupar-se do trabalho da reflexão. Só mesmo uma pessoa disciplinada e acostumada a pensar, terá a disposição de desprender-se dos inúmeros atrativos. Mesmo assim, não estará totalmente isenta desses fortes apelos.

O mundo atual é complexo e rico de variedades, como já se relatou nessas páginas. Uma pessoa desejosa de ver tudo, de experimentar tudo, vivenciar tudo, poderia chegar a crer em desperdício de tempo com certas atividades, mormente aquelas que exigem maiores esforços, já que não viveria o bastante para saborear todos os pratos do rico banquete que o mundo oferece. E não podendo mesmo fazê-lo, usaria o mundo virtual como compensação. As tarefas mais árduas, por seu turno, como a de pensar, ficariam para uma outra ocasião, caso ainda merecessem alguma atenção. O resultado de tudo isso poderia muito bem ser o imediatismo e a superficialidade.

Com a riqueza dos atrativos, aumenta muito mais o contraste entre o mundo dos fenômenos e o da essência, para usar esses termos. As ideias tendem a simplificar as coisas, como um desenho estilizado em que bastam alguns traços para a representação de um objeto, enquanto que os fenômenos amplificam e tornam complexa a realidade. A própria filosofia já diz que quanto maior a extensão, menor a compreensão e vice-versa (NAPOLI,

1966, p. 56). Nessa abordagem, as ideias ganham em extensão, mas perdem em conteúdo justamente porque desprezam elementos da realidade para reter o que é essencial. Os fenômenos, por sua vez, perdem em extensão, mas ganham em compreensão. Um exemplo bastante ilustrador do que é apresentado pelas ideias pode ser o seguinte: “o homem é um animal racional”. Nessa afirmação, não interessa se esse homem é branco ou negro, homem ou mulher, criança ou adulto, homem antigo ou moderno e assim por diante. Tudo isso é deixado, toda riqueza de detalhes é desconsiderada. Nesse sentido, a ideia é empobrecedora, tornando simples a complexidade, para ganhar em extensão, em alcance naquilo que há de comum, podendo em apenas um elemento enquadrar tudo. Isso não é culpa ou imperfeição da ideia, mas sua própria estrutura. Assim é a filosofia, assim são as ciências que trabalham com fórmulas abstratas, aplicáveis a todas as realidades daquele campo. Acontece, porém, que as ideias parecem enrijecer, em noções abstratas, o fluxo contínuo das mudanças. Assim, vimo-nos em um mundo que se apresenta cada vez mais heraclitiano – tudo muda, nada permanece.

Dessa maneira, ocorre, de um lado, uma realidade rica e complexa e, de outro, um pensamento simplificador. As ciências positivas, mais próximas do fenômeno, tendem para a análise e multiplicidade, enquanto que as ideias tendem para a síntese, para a unidade. Seriam duas realidades paradoxais, contraditórias? Na verdade, apenas aspectos que se complementam. Porém, compreensão e extensão são inversamente proporcionais. A extensão está mais para o lado da essência e a compreensão contempla mais o fenômeno. Quanto mais ampla uma ideia, ela será menos específica e menos complexa e vice-versa. Porém, nos dias de hoje o mundo fenomênico ganha terreno, obrigando as sínteses a se refazerem.

Os fatos enfocados por esta reflexão fazem parte desses fenômenos e constituem um apelo muito forte, ainda mais se conectados às imagens, também aqui estudadas. As notícias geralmente vêm logo acompanhadas de imagens.

Pela sua riqueza de detalhes e porque a descrição dos acontecimentos não exige de imediato a reflexão, os fatos fascina e seduzem, revelando a força do elemento histórico com seu frescor e vida. Assim, o animal racional será o homem branco ou negro, com a sua cultura, a história de seu povo, o seu país e continente. Do mesmo modo, a criança, o adulto

e o idoso, cada qual com seu modo de ser; a mulher com suas características próprias de mulher que a diferenciam do homem.

Diante disso tudo vem a pergunta: como educar, sem abdicar da inestimável importância das idéias em meio a todo esse emaranhado de fenômenos que a realidade hoje comporta? A saída está em saber se defrontar com essa realidade na tarefa educativa, olhando de forma positiva esse novo panorama e aproveitando toda sua riqueza. Essa é a perspectiva que guia nossa reflexão: procurar saber lidar com as imagens e os fatos que representam idéias.

4. As imagens e os fatos na educação

Tratou-se aqui do fato do pensamento fazer abstração da realidade, enquadrando-a em conceitos. A realidade se vê por eles enxugada em seus detalhes nas fórmulas e esquemas. Atualmente, essa tendência de pensar e sistematizar a realidade em conceitos gerais vem sendo relativizada e ganhando pouca simpatia. O enfoque se volta mais para o aspecto histórico contra uma visão abstrata da realidade. Não poucas vezes se insurge contra aquilo que se convencionou caracterizar de “verdades eternas”, muito embora as ciências experimentais também elaborem enunciados e fórmulas.

Por outro lado, no âmbito da história, em contraposição ao imediatismo do presente, escrevem-se muitas biografias, algumas até filmadas, resgatando para a história o passado desconhecido ou esquecido. Cidades e lugares estão tendo também sua história escrita. Documentários aparecem constantemente na TV sobre os mais variados assuntos, levantando-se questões. É a história rumo à reflexão.

De outra parte, o pensamento filosófico de hoje faz constantes acenos para a história, voltando-se continuamente para ela. Os próprios manuais de filosofia de corte tomista são diferentes dos manuais de outrora. Antes, esse pensamento era bastante abstrato, enxuto, atendo-se mais aos princípios e exprimindo-se de forma silogística na apresentação dos argumentos. Hoje os textos usam uma linguagem descritiva e procuram realizar incursões no campo de outras ciências.

Nessa perspectiva histórica, chega-se mesmo a afirmar que quando alguém escreve um texto abstrato, por amor desse mesmo texto deveria incluir um capítulo de história para torná-lo mais digerível, mais atraente, amenizando-se a aridez da abstração. Exemplos importantes podem também ser aqui mencionados em favor da história. Tome-se o caso de alguns filósofos existencialistas. Ao lado de seus textos puramente filosóficos, esses autores fizeram uso da literatura, através de romances e peças de teatro para veicular o seu pensamento.

Esses mesmos recursos já foram usados em outros momentos no passado. Anchieta fez uso do teatro com finalidade catequética. Outros educadores se serviram também da literatura para traduzir o seu pensamento pedagógico. Podem ser citados alguns exemplos como, *Emílio* de Rousseau, *Leonardo e Gertrudes* de Pestalozzi (FONTOURA, 1973, p. 198), *Gargântua e Pantagruel* de Rabelais, para não falar de outros. Na literatura brasileira há o romance *O Ateneu* de Raul Pompéia, podendo-se incluir também *Doidinho* de José Lins do Rego, que relata a educação de um menino num colégio interno religioso. O recurso dos fatos veiculados pela literatura não pára aí. Um professor de lógica poderia servir-se de modo muito feliz dos contos policiais de Conan Doyle para o estudo e o exercício da dedução. O estudante poderia aprender muito desses contos. Da mesma maneira, poder-se-ia aprender sobre o ciclo canavieiro no Brasil nas obras de José Lins do Rego, sobre a seca no romance *O quinze* de Raquel de Queirós, em *Vidas secas* de Graciliano Ramos, como em *A bagaceira* de José Américo de Almeida. Os exemplos são muitos e a literatura, além de seus muitos serviços, poderia ser uma ótima pedagoga nesse sentido. A veiculação de um pensamento pedagógico ou filosófico pela literatura, ao lado do ensino pelos livros didáticos, torna sua recepção mais atraente, agradável e prazerosa pela capacidade do relato de abordar inúmeros detalhes. Tal capacidade poderia ainda ser enriquecida com a filmagem das histórias, quando a literatura é acrescida do poder da imagem.

O autor dessas linhas pôde também verificar que ao falar em público conseguia despertar e prender a atenção dos ouvintes de maneira bastante visível, quando contava uma história. Ela tanto podia servir de ilustração, como ponto de partida para uma reflexão, embora nem sempre fosse possível ter uma história para contar.

Quando uma explicação não é bem entendida, um bom exemplo pode esclarecer tudo por encerrar elementos concretos, próximos da vida de cada dia. Nessa mesma trilha, o uso de cartazes, slides, filmes com histórias ou documentários, testemunhos de pessoas são ótimos recursos educacionais. Os romances, peças teatrais, diálogos, também têm o seu peso. Sempre que fatos e imagens forem oportunos, vale a pena lançar mão deles. Surge, porém, a questão: como inserir essas coisas no cotidiano das aulas? Mesmo não sendo uma tarefa fácil, o professor poderia incluí-las no seu plano de curso e de aulas, ao menos para algumas lições. Ele poderia acostumar-se com esse planejamento. Na questão dos recursos didáticos do audiovisual, o professor poderia adquirir vídeos, comprando coleções de sua disciplina. Na dificuldade financeira, poderia gravar tudo que julgasse interessante e de teor educativo na TV para seu arquivo didático. Há professores que assim o fazem. Poderia também usar palestras gravadas de debates e conferências.

No âmbito religioso explorou-se bastante esses recursos: ao lado do catecismo de perguntas e respostas, havia textos catequéticos ilustrados, ricos de imagens coloridas. Veículo muito eficaz de educação religiosa eram as histórias de santos em quadrinhos. Também relatos bíblicos e de história da Igreja passaram a ser feitos com ilustrações. Isso poderia estar vindo muito de encontro à psicologia infantil, já que nessa idade o motivo para se abrir um livro era saber se ele continha figuras⁴.

Nos dias de hoje, a pedagogia deverá se armar de criatividade para viabilizar a educação através dos meios das imagens e dos acontecimentos pelo seu forte poder sedutor. Há, no entanto, uma séria preocupação nesse sentido. Já que no passado as imagens foram usadas para ajudar as pessoas na compreensão das coisas, como crianças que têm dificuldades de entender, pergunta-se: não estariam sendo as pessoas infantilizadas com seu emprego? Qual a atitude diante desse risco?

A resposta poderia ser a seguinte: depende como são entendidas e utilizadas. A imagem tem um papel importante como mediação da linguagem falada ou escrita. Ela

⁴ Em vez de desestimular uma criança da leitura de história em quadrinhos, por exemplo, seria muito mais educativo e proveitoso, que além desses textos ela fosse despertada a apreciar progressivamente outras leituras como livros infanto-juvenis, obras literárias apropriadas que levam crianças e adolescentes ao gosto pela leitura, chegando aos romances, contos, poesias, peças teatrais, crônicas, enfim todo gênero literário, não esquecendo os livros didáticos, principalmente as obras científicas de grande peso.

possibilita um melhor acesso na compreensão das coisas, assim como os fatos. Eles traduzem idéias. Como se notou no início desta reflexão, o homem se serve de seus vários sentidos no conhecimento das coisas. Mas o movimento inverso também é verdadeiro: das imagens e dos fatos se vai às idéias, tanto que se exige hoje que a história não seja meramente factual, mas crítica. Vale aqui uma observação importante do teólogo J.B. Libânio, quando fala de literatura e de filmes:

Quantas vezes visitando os grandes romances da literatura mundial e nacional, lendo poesias inspiradas, ou vendo filmes de diretores geniais, acordamos para problemas fundamentais da vida humana. Aprendemos a pensar em profundidade o que são o amor, a morte, a liberdade, o sofrimento, a injustiça e tantas experiências básicas da vida humana (LIBÂNIO, 2001, p. 25).

Há ainda outro aspecto a considerar: quem viu um filme sobre determinado tema, determinada história que despertou a sua atenção, pode muito bem se interessar por conhecer a própria obra escrita. Quantas vezes os filmes não promoveram importantes peças literárias, bem como outras obras de arte, além de levar ao público questões importantes a serem tratadas? Assim, a imagem e os fatos são uma via de mão dupla. Palavra falada, palavra escrita, fatos e imagens são elementos complementares e não contraditórios. O problema não está na utilização deste ou daquele recurso, mas se fixar em apenas um deles.

Nesse sentido, cabe aqui uma importante advertência nas palavras de Umberto Eco: “uma sábia política cultural... será a de educar, provavelmente através da TV, os cidadãos do mundo futuro para que saibam temperar a recepção de imagens com uma igualmente rica recepção de informações “escritas”, (ECO, 1993, p. 364)⁵. Nessas informações escritas pode-se incluir também o cultivo das idéias, da reflexão e do pensamento crítico.

⁵ No Brasil, há várias discussões nos meios de comunicação em prol da leitura, seja na imprensa falada ou escrita. Resta saber se na prática as pessoas se dão conta da importância do hábito de ler e do que se lê. Para tanto, conviria uma ampla pesquisa nas várias classes sociais a respeito do assunto.

5. Fundamentos filosóficos e suas práticas pedagógicas

A presente reflexão, que trata da formação da criança no seu processo de passagem da heteronomia para a autonomia, ou se quiser, para a maturidade, encontra respaldo em certos fundamentos filosóficos com um apelo à Filosofia da Educação. Os conhecidos conceitos aristotélicos de potência e ato servem como sustentação para o tema em estudo. Santo Tomás (2001), utilizando-se desses conceitos, aplica-os à aprendizagem. Em sua visão, o ato de aprendizado é uma passagem da potência para o ato, da possibilidade de conhecer para o ato do conhecimento. O aprendiz faz essa passagem preenchendo sua capacidade de conhecer com o ato do conhecimento, perfazendo o processo.

No entanto, para que ocorra essa passagem é necessário um agente externo, que é o que ensina, para que o aprendiz consiga realizar essa passagem. Esse agente, por sua vez é externo e se encontra em ato, alguém que possui um conhecimento que o aprendiz ainda irá possuir. Um exemplo pode esclarecer o papel desse agente: se alguém se encontrasse no fundo de um precipício, para tirá-lo teria que ser alguém que se encontrasse fora para poder puxá-lo. Como a educação se define por “tirar de dentro”, “fazer sair”, é necessário que alguém com mais maturidade que a criança extraia da mesma o que ela tem de capacidade e transforme isso em ato, auxiliando-a no desenvolvimento de suas potencialidades.

Santo Tomás, mesmo privilegiando o aprendizado por descoberta do próprio aprendiz por achá-la mais excelente, não exclui o papel do docente, uma vez que não se pode aprender tudo sozinho e o trabalho do mestre permite agilizar o processo do conhecimento. De nossa parte, podemos acrescentar que o saber é uma conquista de toda humanidade em que no decorrer dos séculos cada qual foi deixando o seu legado. O educador, o docente, tem uma tarefa de comunicar toda essa herança a quem aprende para dela tirar o proveito para si e para os demais.

Já que se falou em educação como um processo de desenvolvimento das potencialidades do educando, há aqui dois aspectos a considerar. De um lado, quem ensina pode fazê-lo estimulando quem aprende a refletir e a descobrir por si próprio aquilo que lhe seria passado pelo mestre. Trata-se daquele procedimento pedagógico entendido como uma “maiêutica socrática”, também conhecida como método heurístico. Significa um ensino de

dentro para fora. De outra parte, o que ensina passa também conteúdos porque ninguém, como já se disse, pode descobrir tudo, além do fato desse método agilizar o ensino. É chamado o método dogmático. É um processo de fora para dentro, que se distingue do método maiêutico de incentivo à descoberta. Mesmo que alguém viesse a descobrir algo por si próprio, essa descoberta não teria nenhuma validade para o saber se ela já existisse. Poderia apenas ter um valor pedagógico. Os dois processos podem se cruzar. Com base nos conteúdos passados, alguém pode dar salto, acrescentando uma nova descoberta criando novos saberes a serem comunicados.

Dentro desse esquema, pode-se entender a passagem da criança para a maturidade, a sua autonomia cada vez mais crescente. Nesse sentido, respeitando-se o psiquismo da criança ao se evitar bombardeá-la com tantas informações e outros procedimentos, é preciso também interpelá-la. A criança necessita de estímulos para o seu desenvolvimento, os quais o adulto pode e deve oferecer. Afirma-se que filhos de pais de maior nível cultural, tendem a despertar mais cedo para o conhecimento e aprender mais, devido ao contato com um ambiente propício. Isso também pode estimular o seu desenvolvimento psíquico.

Assim, oferecer um ambiente com a disposição de livros ao alcance da criança e incentivo à leitura, bem como estímulos a programas educativos com recursos audiovisuais são de extrema importância para o desenvolvimento da criança. Pode-se aqui também lembrar o exemplo de Piaget que não só falava sobre as crianças, mas as entrevistava e deixava que falassem e opinassem. Nesse sentido, é importante também o diálogo com elas, questionando-as e estimulando-as a refletir, sobretudo aproveitando aqueles momentos em que elas fazem perguntas aos adultos.

Enfim cabe dizer que se devem empregar todos os recursos disponíveis, lícitos e válidos para que as crianças sejam despertadas para o conhecimento e, sobretudo, para que sejam capazes de emitir juízos morais cada vez mais maduros, numa atitude de autonomia e para uma moral de cooperação como afirma o próprio Piaget. Para tanto, precisam ser encorajadas a ser pensantes, críticas, conscientes e responsáveis, tornando-se verdadeiros cidadãos. Nessa empresa, deve-se atualizar ao máximo o que cada um tem dentro de si em benefício próprio e de todos. Tudo isso nada mais é do que aquele agente externo na

aprendizagem de que fala Santo Tomás, elemento que vai bem além da figura humana do docente, sem desmerecer o seu importante papel.

6. Considerações finais

A educação como outros componentes da sociedade é filha de seu tempo, marcada por um contexto do qual recebe suas influências, como por um pensamento que a impregna e lhe serve de guia. De certa maneira, ela se encontra integrada na sociedade fazendo parte dela. Eis o seu papel passivo, sua aderência, pode-se dizer. De outra parte, a educação é também capaz de se subtrair dessa engrenagem, marcando o seu espaço, a sua independência, mesmo que relativa. É sua não aderência.

Se quiser influir positivamente no tecido social, a educação deverá manter a sua integração para poder atuar dentro desse tecido. Porém, para não ser absorvida e neutralizada, deve preservar sua identidade e ter um papel ativo de transformação, sendo assim fermento na massa.

A educação deve absorver de modo crítico e seletivo tudo o que o contexto lhe oferece e construir com aquilo que recebe. Nos tempos atuais ela está imersa entre outras coisas no mundo das imagens e dos fatos. Ela não se constrói somente com isso, mas nem também sem isso.

Concluindo, procurou-se mostrar que as imagens e os fatos têm algo a dizer à educação, a julgar pelos exemplos apresentados. No entanto, é preciso vencer a ingenuidade e perceber a ambivalência das coisas. As imagens e os fatos têm os seus limites e não são os únicos atores. As idéias existem e ninguém pode delas prescindir. Elas são essenciais ao conhecimento humano. As imagens e os fatos estão mais para os sentidos e as idéias para a inteligência. Os dois conhecimentos se exigem e se complementam, encontrando a justa síntese naquele princípio de Aristóteles: *nada está no intelecto que não tenha passado pelos sentidos*. Imagens e fatos devem se articular de forma harmoniosa com a inteligência e o pensamento, formando um todo, de acordo com a estrutura do ser humano no ato de conhecer no que se embasa a educação.

Referências

ADORNO, Theodor W. *Educação e emancipação*. Tradução de Wolfgang Leo Maar. 2ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

BOSI, Ecléa. *Cultura de massa e cultura popular*. 10ª edição. Petrópolis: Vozes, 2000.

ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. Tradução de Pérola de Carvalho. 5ª edição. São Paulo: Perspectiva, 1993.

FONTOURA, Afro do Amaral. *Didática geral*. 18ª edição. Rio de Janeiro: Aurora, 1973.

FREIRE, P.; GUIMARÃES S. *Sobre educação: Diálogos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. v. 2 (Coleção Educação e comunicação; v. 12).

LIBÂNIO, J. B. *A arte de formar-se*. 4ª edição. São Paulo: Loyola, 2004.

NAPOLI, Ioannes di. *Manuale philosophiae: ad usum seminariorum: Logica, Cosmologia*. 4ª edição. Torino: Marietti, 1966. v.1.

TOMÁS DE AQUINO, SANTO. *Sobre o ensino (De Magistro); Os sete pecados capitais*. Tradução e estudos introdutórios de Luiz Jean Lauand. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Artigo recebido em 14.06.2012

Artigo aprovado em 20.09.2013